

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n29.06>

Deslocamentos sociais e representações do espaço: o desenraizamento em *As vinhas da ira*, de John Steinbeck

*Social displacements and representations of space: uprooting in John Steinbeck's
The Grapes of Wrath*

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza*

Luccas César Bach**

Resumo

A partir do romance norte-americano *As vinhas da ira*, publicado em 1939 por John Steinbeck, este artigo apresenta uma análise do processo de desenraizamento das personagens e como isso afeta seu núcleo familiar. A leitura da obra perpassa pelo exame das personagens, em suas dimensões sociais e simbólicas, articulada com o espaço, configurado na perda do lar e das identidades, ocasionados pela migração forçada e violenta da família Joad rumo ao Oeste dos Estados Unidos. Para as discussões aqui promovidas, recorreremos às teorias de Candido (1992), Bachelard (1993), Chevalier (2002) e Weil (2001).

Palavras-chave

Literatura norte-americana. Desenraizamento. Migração. Violência.

Abstract

This study presents an analysis of the uprooting process of the characters from the North American novel *The Grapes of Wrath*, published in 1939 by John Steinbeck, and how such process affects their family nucleus. The reading of the novel goes through the examination of the characters, in their social and symbolic dimensions, articulated with the space, configured in the loss of home and identities, caused by the forced and violent migration of the Joad family towards the Western United States. For the discussions developed here, we turn to the theories of Candido (1992), Bachelard (1993), Chevalier (2002), and Weil (2001).

Keywords

American Literature. Uprooting. Migration. Violence.

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Introdução

Em 1939, John Steinbeck (1902-1968) publicou *As vinhas da ira*, um cânone da literatura norte-americana. O romance foi o resultado do seu contato com milhares de famílias migrantes no estado da Califórnia, um trabalho de imersão que Steinbeck documentou em uma série de sete artigos publicados pelo *The San Francisco News* – depois compilados no livro *The Harvest Gypsies*. Após a sua publicação, *As vinhas da ira* foi alvo de controvérsias entre os que viam os Joads como representantes dos migrantes americanos marginalizados e os que duvidavam da integridade de Steinbeck e questionavam suas intenções com tal obra. Contudo, é inegável que, ao escrever a tragédia da família de Tom Joad, Steinbeck deu voz às famílias de trabalhadores migrantes que povoavam as regiões miseráveis da Califórnia, lidando com o desemprego e a exploração do sistema econômico vigente.

Os Estados Unidos vivenciaram duas grandes catástrofes na década de 1930: o *Dust Bowl*¹ e a Grande Depressão. O clima não permitia que pequenos agricultores colhessem o suficiente para manter suas terras, e a situação econômica deixou o cenário americano ainda mais hostil contra os que não encontravam meios de quitar suas dívidas. Assim, famílias inteiras se viram forçadas a procurar um lugar no qual recomeçar; para muitos, isso significou pegar a estrada em direção ao Oeste, depositando suas esperanças em encontrar emprego e estabilidade nos campos verdes californianos. O que se seguiu foi uma migração interna de grande escala que ofereceu aos grandes proprietários de terra na Califórnia um excesso de mão de obra, diminuindo os custos da colheita de suas plantações. Nestes termos, Ronald Reis pondera que:

A Califórnia, sempre vista como uma terra prometida, seria o destino mais popular para os migrantes das Grandes Planícies. Panfletos que anunciavam a necessidade de trabalhadores agrícolas nos “campos dourados” do “paraíso” agrícola da Califórnia atraíram as pessoas para o oeste. “300 TRABALHADORES NECESSÁRIOS PARA PÊSSEGOS – MUITO TRABALHO – ALTOS SALÁRIOS e 500 HOMENS PARA O ALGODÃO – NECESSÁRIO AGORA! – COMECE A TRABALHAR IMEDIATAMENTE!” [...] (REIS, 2008, p. 77-78, tradução nossa)²

¹ O *Dust Bowl* foi um período intenso de seca e de tempestades de areia que ocorreu durante a maior parte da década de 1930 na região de Grandes Planícies localizada na América do Norte.

² “California, forever seen as a promised land, would be the most popular destination for Great Plains migrants. Handbills that advertised the need for farmworkers in the “golden fields” of California’s agricultural “paradise” lured folks west. “300 WORKERS NEEDED FOR PEACHES – PLENTY OF WORK – HIGH WAGES and 500 MEN FOR COTTON – NEEDED NOW! – START WORK RIGHT AWAY!” [...]”

Os trabalhadores migrantes, conhecidos por *okies*, eram submetidos a condições abusivas de trabalho, dormiam em acampamentos improvisados sem saneamento básico e eram perseguidos pelos trabalhadores locais e por policiais que viam no migrante um parasita dos cofres públicos. A ideia de que milhares de famílias seriam subjugadas a péssimas condições de trabalho para o benefício de poucos agricultores é alarmante; principalmente porque no restante do ano o Estado não conseguia absorver toda essa mão de obra, e os migrantes enfrentam meses de desemprego.

O que lhes resta é viver como andarilhos, sendo que “[...], a eles nunca é permitido se sentir em casa nas comunidades que demandam seus serviços”³ (STEINBECK, 1988, n.p., tradução nossa). O rompimento do indivíduo com a terra natal e com sua comunidade leva à perda de sua história, de sua cultura, e mesmo de suas projeções futuras. Os Joads, antes enraizados em Oklahoma ao longo de gerações, não conseguem se reestabilizar financeiramente, não encontram moradia fixa e se veem à margem da sociedade. Desterrados, seus laços perdem força, e o protagonismo da família cede lugar à necessidade de um pensamento coletivista. O resultado que se pode figurar em *As vinhas da ira* é de um núcleo familiar enfraquecido, uma vez que, dos treze integrantes iniciais, apenas seis continuam juntos.

Kölln (2020), em um estudo sobre Steinbeck como jornalista e escritor de artigos que documentaram as vidas dessas pessoas que ele retrata em *As vinhas da ira*, afirma que:

A crise deflagrada em fins de 1929 catalisou uma darwiniana e cruel seleção das mais poderosas criaturas econômicas, favorecendo a sobrevivência dos capitais concentrados no campo, na indústria e no comércio, desbancando aqueles pequenos agentes econômicos encarnados, por exemplo, pelos pais de Steinbeck, pelos Joad e por tantos sujeitos que o escritor encontrou vivendo na provisoriamente dos acampamentos federais. (2020, p. 142)

Em uma obra sobre uma tentativa de ter uma vida melhor e o quanto ela pode ser impossibilitada, a família dos Joads parece não conseguir se livrar dos embargos que permeiam sua trajetória. Juntos, eles formam uma unidade social forte e funcional, como um organismo vivo; à medida que se distanciam de Oklahoma, no entanto, essa unidade é desmembrada. O choque do desenraizamento atinge primeiramente os

³ “[...], they are never allowed to feel at home in the communities that demand their services.”

avós, as personagens mais velhas da comitiva, e os dois morrem antes mesmo de chegar na Califórnia. Cada membro, então, toma um rumo diferente na viagem, assumindo as vontades individuais. Noah, que sempre se sentiu deslocado, decide viver sozinho; Connie abandona a esposa grávida; Tom abraça a luta trabalhista; e Al encontra uma moça com quem se casar. Os que permanecem são os pais, chefes da família; o tio John, viúvo; Rose of Sharon e as duas crianças.

O autor fecha o romance com um tom otimista, de esperança, com a imagem de Rose of Sharon amamentando um homem que definhava de fome após dar à luz um bebê natimorto. “A traição do sonho americano pode ser o que dá ao romance seu tom de uma raiva mal controlada. Mas a crença na presença contínua desse sonho, como uma fonte de renovação, é o que lhe dá também um fervor profético”⁴ (GRAY, 2004, p. 499, tradução nossa). Perde-se a unidade familiar, mas ao mesmo tempo os Joads se entendem como parte de algo maior, de uma coletividade necessária à sobrevivência das classes trabalhadoras.

O artigo busca entender como o processo de desenraizamento afeta a família no romance *As vinhas da ira*, uma vez que é o sentimento de responsabilidade como chefe do grupo que motiva a migração, e são os próprios laços familiares que se enfraquecem à medida que se afastam de sua terra natal. Tendo em vista que o “enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo” (CANDIDO, 1992, p. 53), considera-se relevante e necessário que tal análise parta de suas ações e de seus discursos, visto que é através da maneira como as personagens se posicionam contra o espaço em que estão inseridas que o leitor pode entender suas motivações, compreender quem são e o que representam.

Considerando as personagens como um dos elementos essenciais de análise, torna-se relevante também elencar outro aspecto essencial quando se estuda o desenraizamento: o espaço. Por espaço entende-se a ambientação social, política e cultural em que o sujeito está inserido, pois esta é intrínseca à habitação, à participação em sociedade.

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo

⁴ “The betrayal of the American dream may be what gives the novel its quality of barely controlled rage. But the belief in the continuing presence of that dream, as a source of renewal, is what gives it also a prophetic fervour.”

que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo está. (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2019, p. 68)

Assim sendo, na sequência examinamos as personagens em relação ao espaço que ocupam, permitindo-nos apontar para as etapas de desenraizamento desses indivíduos e para suas consequências familiares. Desta maneira, avaliamos a importância da relação das personagens com seu canto de mundo, para então analisarmos como ocorre o desenraizamento e o que ele desencadeia na narrativa de Steinbeck.

O lar e a família

Em grande parte, o que se entende por “lar” é o lugar em que o indivíduo se sente acolhido, amado, seguro. O lar é também o espaço com o qual esse indivíduo se reconhece, uma vez que não se habita apenas a casa, mas a sociedade que a cerca – especialmente em um contexto rural da primeira metade do século XX, impermeável ao aspecto individualizante dos grandes centros urbanos. Ao habitar seu espaço, o indivíduo se reconhece como um ser autônomo, na solidão de sua moradia e no habitar dos cômodos que formam sua residência, e como ser social, no contato com membros da família, vizinhos e afins. Sobre a família, ela é cada vez mais aceita como uma unidade social fundamental e primária, e o indivíduo deixa de ser visto como um ser psicologicamente autônomo do mundo para ser lido como integrante dessa “unidade emocional”. (MILLER, 1989, p. 8)

Bachelard (1993) reafirma a importância da primeira casa na formação do indivíduo, no desenvolvimento do seu imaginário. Para o autor, pode-se entender o sujeito a partir do seu apego com sua primeira moradia; “[p]ortanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’” (BACHELARD, 1993, p. 24). A partir dessa construção do nosso canto do mundo nos transformamos em seres *enraizados*, numa relação social, histórica e cultural com o espaço em que nos criamos.

Os laços formados nesse espaço, sendo estabelecidos em nosso próprio cosmos, se tornam importantes para nós, uma vez que nos remetem às memórias que levamos conosco durante a vida; momentos que moldaram quem somos. Ao retornar para casa após anos encarcerado por homicídio, Tom Joad ainda guarda suas lembranças do tempo em que viveu no lar paterno durante a infância; as árvores, as

trilhas, as características geográficas de sua terra fazem parte de sua criação. Após horas caminhando, Casy questiona o rapaz se ele realmente ainda lembra do caminho, se não está perdido.

Tom disse: “Eu poderia fechar os olhos e andar por aí. Único jeito de me perder é pensar no caminho. Só esquecer, e eu vou direto para lá. Inferno, cara, eu nasci por aqui. Eu corria por aqui quando era criança. Tem uma árvore ali – olha, você mal consegue ver ela. Bom, uma vez meu velho pendurou um coioote morto naquela árvore. Ficou pendurado lá até que tudo meio que derreteu, e daí caiu. Tipo, seco. Jesus, espero que mamãe esteja cozinhando alguma coisa. Minha barriga tá vazia”. (STEINBECK, 2011, p. 77, tradução nossa)⁵

Essa é uma relação da ambientação com as memórias de Tom. São lembranças do lar infantil, do pai como protetor da terra e da mãe como provedora de sustento, desencadeados por uma árvore, uma característica natural do seu lar.

Encontramos aqui uma relação simbólica com os elementos árvore, mãe e terra. Segundo Jean Chevalier, a árvore é um dos temas simbólicos mais abundantes, podendo ter várias interpretações, entre elas, a de “símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu”, revelando um aspecto “cíclico da evolução cósmica” (CHEVALIER, 2002, p. 84). É interessante pensar na relação da árvore com a própria terra, por meio de suas raízes, que subterraneamente se espalham, ao mesmo tempo em que seus galhos parecem fazer uma conexão com o céu. A simbologia da terra, assim como a da mãe, por sua vez, está relacionada com o nascimento, a vida e a sustentação dos seres vivos. Chevalier afirma que a terra é a “firmeza calma e duradoura”, “é a substância universal”. (CHEVALIER, 2002, p. 878) Desta maneira, pode-se compreender como no romance existe uma relação profunda entre a mãe, que sustenta, que alimenta a família, com a terra e a própria árvore, representando metaforicamente as memórias de uma infância perdida, quando se perde o espaço mítico da terra.

Da mesma maneira, esses laços são formados por objetos diários, portadores de uma carga de significado que vai além do seu propósito inicial. Uma carta, uma foto, um chapéu antigo, uma pena, são itens pequenos, não usados com frequência,

⁵ “Tom said, ‘I could shut my eyes an’ walk right there. On’y way I can go wrong is think about her. Jus’ forget about her, an’ I’ll go right there. Hell, man, I was born right aroun’ in here. I run aroun’ here when I was a kid. They’s a tree over there – look, you can jus’ make it out. Well, once my old man hung up a dead coyote in that tree. Hung there till it was all sort of melted, an’ then dropped off. Dried up, like. Jesus, I hope Ma’s cookin’ somepin. My belly’s caved.”

mas são partes de uma história. Ter de queimá-los por não ter como levá-los na mudança é um dos sinais de desenraizamento.

Como podemos viver sem nossas vidas? Como saberemos que somos nós sem nosso passado? Não. Deixe. Queime. Eles sentaram e olharam para tudo e gravaram em suas memórias. Como será não saber que terreno fica do lado de fora da porta? E se você acordar no meio da noite e souber – e souber que o salgueiro não está lá? Você pode viver sem o salgueiro? Bem, não, você não pode. O salgueiro é você. A dor naquele colchão ali – aquela dor terrível – é você. (STEINBECK, 2011, p. 103, tradução nossa)⁶

A imagem da árvore surge aqui, novamente, como um símbolo do enraizamento pelo qual a família passa. Constitui uma parte do cenário cotidiano, do lar habitado, mas que interage com o todo do espaço para formar o canto do mundo da personagem. Seria como se, para a personagem, a vida assumisse sentido quando ela deixasse sinais de ter passado por algum lugar, quando interagisse com seu ambiente. Por isso a dor imaginada do colchão é a dor que a família sente ao ter que romper com sua historicidade, pois sem provas de ter habitado o próprio canto do mundo, sente-se deslocado no universo.

Sobre essa representação do espaço da casa, Gaston Bachelard afirma que:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 1993, p. 26)

Sendo a casa, então, uma extensão do homem, assim como um meio de preservação, é natural o indivíduo sentir a obrigação de protegê-la. Os Joads nasceram e trabalharam em suas terras por gerações, por mais que tenham tido que pegar empréstimos bancários e que, legalmente, tenham se comprometido a ceder a propriedade no caso de não conseguirem quitar suas dívidas, em seu entendimento são eles que possuem o direito a ela. Há um conflito entre o que a *sua* história dita como direito de posse e as novas leis seguidas pelos bancos, representando a burocracia da urbanização.

⁶ “How can we live without our lives? How will we know it’s us without our past? No. Leave it. Burn it. They sat and looked at it and burned it into their memories. How’ll it be not to know what land’s outside the door? How if you wake up in the night and know – and know the willow tree’s not there? Can you live without the willow tree? Well, no, you can’t. The willow tree is you. The pain on that mattress there – that dreadful pain – that’s you.”

Quando carros de burocratas chegam para as pequenas famílias de Oklahoma e avisam que elas precisam sair de lá, os homens se recusam a aquiescer:

Meu vovô tomou a terra, ele teve que matar os índios e expulsá-los. E meu pai nasceu aqui, ele matou ervas daninhas e cobras. Então tivemos um ano ruim e ele teve que pedir um pouco de dinheiro emprestado. E nós nascemos aqui. Lá na porta – nossos filhos nasceram aqui. E meu pai teve que pedir dinheiro emprestado. O banco então era dono da terra, mas nós ficamos e recebemos um pouco do que cultivamos. (STEINBECK, 2011, p. 38, tradução nossa)⁷

Para eles, a hereditariedade da terra é mais legítima do que as dívidas que possuem. “E isso que faz ela ser nossa – nascer nela, trabalhar ela, morrer nela. Isso que nos faz proprietários, não um papel com números”⁸ (STEINBECK, 2011, p. 38-39, tradução nossa). No entanto, os bancos decidem tomar as terras e substituir o sistema de arrendamento por tratores, mecanizando a produção e expulsando os pequenos agricultores rurais. Os Joads rompem com o seu espaço e, com ele, perdem a estabilidade das raízes que haviam crescido com o trabalhar da terra. A comunidade se desintegra, dividida entre os que decidem partir de Oklahoma e os que resolvem ficar e trabalhar com os tratores que os substituíram; o sistema de trabalho muda, uma vez que eles não têm controle sobre a produção; sua posição social é rebaixada a de um integrante respeitado pela sua comunidade para um trabalhador migrante, um pária da sociedade visto como “parasita” entre os californianos.

A família é o que lhes resta. Os Joads inicialmente funcionam como um sistema vivo e altamente eficiente, todos respeitando a ordem hierárquica de acordo com sua posição na pequena cadeia de comando. O pai Joad, o tio e o avô, como mais velhos, eram os chefes da família: “Aquele era o núcleo”⁹ (STEINBECK, 2011, p. 116, tradução nossa). O avô, ainda que tenha uma posição respeitável na estrutura familiar, deixa as decisões para os mais novos: “O Vovô ainda era o chefe titular, mas ele não governava mais”¹⁰ (STEINBECK, 2011, p. 117, tradução nossa). Depois, os filhos homens, Noah, Tom e Al, juntamente com o marido de Rose of Sharon, Connie. As mulheres – a avó, a mãe Joad e Rose of Sharon – ficavam atrás dos homens: “Elas

⁷ “Grampa took up the land, and he had to kill the Indians and drive them away. And Pa was born here, and he killed weeds and snakes. Then a bad year came and he had to borrow a little money. An’ we was born here. There in the door – our children born here. And Pa had to borrow money. The bank owned the land then, but we stayed and we got a little bit of what we raised.”

⁸ “That’s what makes it ours—being born on it, working it, dying on it. That makes ownership, not a paper with numbers on it.”

⁹ “That was the nucleus.”

¹⁰ “Grampa was still the titular head, but he no longer ruled.”

tomaram seus lugares atrás dos homens agachados”.¹¹ (STEINBECK, 2011, p. 116, tradução nossa). As duas crianças se prostravam próximas às mulheres, elas “[...] enfiavam os dedos dos pés na areia vermelha, mas não faziam barulho”¹² (STEINBECK, 2011, p. 116, tradução nossa).

Podemos apontar para o ato de se agachar dos homens. Além de estarem no centro do grupo, se colocam mais próximos ao solo, ato que permeia todo o romance. “O pai puxou o chapéu para baixo sobre os olhos e agachou-se sobre os calcanhares. E, como se esta fosse sua posição natural de pensamento e observação, ele examinou Tom criticamente, [...]”¹³ (STEINBECK, 2011, p. 97-98, tradução nossa). O que figura sua relação com a terra, torna-se apelido – *squatter*, em inglês – uma vez que partem de Oklahoma, especialmente para os acampamentos em que os migrantes se reúnem, conhecidos como *squatters’ camp*.

Duas personagens femininas reforçam a importância da unidade familiar: a mãe Joad e sua filha, Rose of Sharon. A matriarca é a que carrega a responsabilidade de manter todos alimentados, vestidos, prontos para a viagem. É ela quem seleciona os itens a serem levados no veículo, quem raciona comida, cuida das crianças, ajuda a filha com a gravidez; a mãe Joad é a real força do núcleo familiar, é quem se preocupa em manter todos unidos.

Quando o carro quebra no começo da viagem e os homens da família decidem que parte seguiria para a Califórnia de carona com outros migrantes, enquanto o restante ficaria com o carro para consertá-lo, a mãe Joad se revolta. Ela desafia a “ordem natural” em que cresceu, de subserviência ao marido e chefe da família, para priorizar a união dos seus.

A alavanca do macaco balançou avidamente para frente e para trás na mão da mãe. “Vamos”, disse ela. “Você se decidiu. Venha e me castigue. Tente. Mas eu não vou; ou se eu for, você nunca vai dormir, porque eu vou esperar e eu vou esperar, e assim que você dormir, eu vou te estapear com uma vara de lenha de fogão”. (STEINBECK, 2011, p. 197, tradução nossa)¹⁴

¹¹ “They took their places behind the squatting men.”

¹² “[...] squiggled their toes in the red dust, but they made no sound.”

¹³ “Pa pulled his hat low over his eyes and squatted down on his hams. And, as though this were his natural position of thought and observation, he surveyed Tom critically”

¹⁴ The jack handle flicked hungrily back and forth in Ma’s hand. “Come on,” said Ma. “You made up your mind. Come on an’ whup me. Jus’ try it. But I ain’t a-goin’; or if I do, you ain’t never gonna get no sleep, ’cause I’ll wait an’ I’ll wait, an’ jus’ the minute you take sleep in your eyes, I’ll slap ya with a stick a stove wood.”

Ao redor do casal, todos assistiam para ver quem venceria, esperando que o pai Joad se irritasse com a atitude da esposa. “E a raiva do pai não apareceu, e suas mãos ficaram penduradas frouxamente ao lado de seu corpo. E logo o grupo soube que a mãe havia ganhado. E a mãe sabia também”¹⁵ (STEINBECK, 2011, p. 197, tradução nossa). A mãe Joad mostra uma força assustadora, que mesmo ela não sabia possuir, assim que sente que a integridade do seu núcleo é ameaçada.

O pai, o tio e Tom tentam convencê-la de que deveriam seguir em dois grupos para que alguns deles comessem a trabalhar, assegurando-a de que se encontrariam futuramente. Contra os três, foi ela quem decidiu o destino dos Joads. “Os olhos de toda a família se voltaram para mãe. Ela era o poder. Ela havia assumido o controle. [...] ‘Tudo o que a gente tem é a família unida. [...]’ Seu tom era frio e definitivo”¹⁶ (STEINBECK, 2011, p. 198, tradução nossa).

Em um estudo sobre a figura da mãe Joad em *As vinhas da ira*, Motley (2007) afirma que essa personagem representa uma passagem do patriarcado regente para o matriarcado – uma alternativa à autoridade da sociedade americana. A mãe Joad, aos poucos, assume o papel de líder da família, decidindo sobre trabalhos a serem tomados, quando levantar acampamento, como lidar com o assassinato cometido por Tom. Segundo o autor, “O trabalho da mãe Joad empacotando os porcos abatidos, organizando acampamento, comprando comida e cozinhando-a em uma sucessão de fogões improvisados representa não a submissão, mas o constante abandono do controle de seu marido.”¹⁷ (2007, p. 58, tradução nossa)

Discorreremos sobre desenraizamento mais adiante, mas é interessante notar como a matriarca da família Joad simboliza a esperança da luta trabalhadora. À medida que essa personagem se afasta dos conceitos individualistas de priorizar apenas a própria família, ela assume uma mentalidade coletiva: “Costumava ser que a família estava em primeiro lugar. Não é assim agora. É qualquer um”¹⁸ (STEINBECK, 2011, p. 525, tradução nossa). Essa adaptabilidade é uma opção de resistência, levando em consideração que a melhor maneira para os trabalhadores

¹⁵ “And Pa’s anger did not rise, and his hands hung limply at his sides. And in a moment the group knew that Ma had won. And Ma knew it too.”

¹⁶ “The eyes of the whole family shifted back to Ma. She was the power. She had taken control. [...] “All we got is the family unbroke. [...]” Her tone was cold and final.”

¹⁷ “Ma Joad’s work packing away the slaughtered pigs, organizing camp, buying food and cooking it over a succession of improvised stoves represents not submission but the steady shedding of her husband’s control.”

¹⁸ “Use’ ta be the fambly was fust. It ain’t so now. It’s anybody.”

migrantes de resistirem às condições de trabalho subumanas impostas a eles é a de se unirem contra os donos do poder. Para Motley, “O sentimento da mãe Joad de pertencer à corrente de sua raça tem suas origens mais profundas em sua própria natureza matriarcal”¹⁹ (2007, p. 62, tradução nossa). A mãe Joad, então, passa seu legado para Tom, que ao fim do romance decide participar da luta pelos direitos trabalhistas, e para Rose of Sharon, que mesmo tendo perdido o filho que gerou, abraça a causa comunitária ao aceitar dar o leite de seu peito ao senhor que morria de fome.

Sobre Rose of Sharon, pode-se considerar que ela é uma personagem em transição, apresentada inicialmente como a filha que deixa a atitude selvagem da adolescência e entra para a calma austera da maturidade, como se observa no fragmento: “Pois Rose of Sharon estava grávida e cuidadosa”²⁰ (STEINBECK, 2011, p. 110, tradução nossa). Sua aparência muda, o cabelo preso, os seios fartos e os quadris duros simbolizam sua transição da moça para a mulher, assim como sua própria mãe. O narrador acentua essas características ao delinear as mudanças de seu corpo: “Seu rosto redondo e macio, que era voluptuoso e convidativo alguns meses atrás, já havia assumido a barreira da gravidez [...]”²¹ (STEINBECK, 2011, p. 110, tradução nossa). Por meio da maternidade, ela se volta para dentro do seu próprio núcleo, para o esposo e para o bebê em seu ventre. Connie, seu marido, não passou pela mesma transformação; ele “[...] que se casou com uma garota rechonchuda e apaixonada, ainda estava assustado e perplexo com sua mudança”²² (STEINBECK, 2011, p. 111, tradução nossa). Rose of Sharon passa a viagem planejando o seu futuro com o marido, os dois fugindo para o meio das cobertas e sussurrando um com o outro, no próprio universo; até perder o bebê. A família que estava formando também se desfaz, assim como a de seus pais.

Ela abraça o coletivismo, assim como Tom, e a escolha de usar o leite do peito para alimentar um estranho que definhava de fome é feita em uma troca de olhares com a mãe. “Os olhos da mãe passaram pelos olhos de Rose de Sharon, e então

¹⁹ “Ma Joad’s sense of belonging to the stream of her race has its deepest origins in her own matriarchal nature.”

²⁰ “For Rose of Sharon was pregnant and careful.”

²¹ “Her round soft face, which had been voluptuous and inviting a few months ago, had already put on the barrier of pregnancy [...]”

²² “[...] who had married a plump, passionate hoyden, was still frightened and bewildered at the change in her”

voltaram para eles. E as duas mulheres se olharam profundamente [...] Ela disse ‘Sim.’ A mãe sorriu”²³ (STEINBECK, 2011, p. 535, tradução nossa).

Uma personagem que serve de oposto à situação de Rose of Sharon, que não perdeu cônjuge ou filhos em decorrência do desenraizamento, é o tio John. Ele é lido como uma personagem peculiar, não se encaixando com os adultos e preferindo a companhia das crianças. Hierarquicamente, ele merece a posição de um dos chefes dos Joads, mas ele não sente ser merecedor do título: “Se ele não tivesse 50 anos de idade, e portanto um dos líderes naturais da família, o tio John teria preferido não se sentar no assento de honra ao lado do motorista.”²⁴ (STEINBECK, 2011, p. 111, tradução nossa) Ele se vê como um pecador, pois falhou com seu dever de proteger a própria família uma vez que se sente responsável pela morte da esposa. Nas palavras de Tom:

“Ele acha que é sua culpa que sua mulher morreu. Cara engraçado. Ele está o tempo todo fazendo as pazes com alguém – dando coisas para crianças, jogando um saco de comida na varanda de alguém. Dá tudo o que ele tem, e ele ainda não é muito feliz”. (STEINBECK, 2011, p. 80, tradução nossa)²⁵

Ele não se permite aproveitar os prazeres da vida, de comer, beber ou amar alguém. O tio John segue uma vida quase celibatária, até o momento em que não consegue mais reprimir seus desejos e tem uma recaída. É um homem infantilizado, infeliz e sentindo-se um impostor por ter falhado em sua obrigação como chefe de família.

Desenraizamento e diferentes rumos

No livro *O enraizamento*, Simone Weil afirma que: “Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente” (2001, p. 43). Essas raízes, de acordo com a autora, são conquistadas a partir de uma participação ativa na existência em coletividade, uma participação “natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio” (2001, p. 43). Pode-se

²³ “Ma’s eyes passed Rose of Sharon’s eyes, and then came back to them. And the two women looked deep into each other. [...] She said ‘Yes.’ Ma smiled.”

²⁴ “Had he not been fifty years old, and so one of the natural rulers of the family, Uncle John would have preferred not to sit in the honor place beside the driver.”

²⁵ “He figures it’s his fault his woman died. Funny fella. He’s all the time makin’ it up to somebody – givin’ kids stuff, droppin’ a sack a meal on somebody’s porch. Give away about ever’thing he got, an’ still he ain’t very happy.”

assegurar, portanto, que é ao integrar um meio que o indivíduo se torna um ser social, entendendo-se como sujeito de deveres e direitos, de acordo com as noções de moralidade e espiritualidade praticadas pela sua comunidade. Além disso, ao se posicionar *contra* certos elementos que o cercam, o indivíduo passa a desenvolver sua própria identidade.

O rompimento com o espaço em que o indivíduo nasceu, se profissionalizou e que integrou é o que entendemos por desenraizamento. Para os Joads, isso foi um processo, tendo iniciado com o anúncio de que estavam sendo despejados de suas terras e se concretizado à medida que se adaptavam na condição de trabalhadores migrantes. A unidade familiar perde seu protagonismo, e as personagens passam a perceber a necessidade da união na luta por direitos trabalhistas; uma esperança exposta pelo narrador ao descrever os pequenos acampamentos formados à beira da estrada pelos migrantes: “[...] as vinte famílias se tornaram uma família, as crianças eram filhos de todos. A perda do lar tornou-se uma única perda e a época de ouro no Ocidente era um sonho”²⁶ (STEINBECK, 2011, p. 227, tradução nossa). O desenraizamento, portando, acarreta o distanciamento dos membros do grupo, que se inserem na sociedade e abandonam o seio familiar.

Os avós são os primeiros a se desprender da família, os membros mais idosos e, assim, os que possuem raízes mais profundas. O avô, antes aparentemente animado com a prospectiva de trabalhar nos campos férteis californianos, decide permanecer em suas terras momentos antes da família partir em viagem.

“Eu não tô dizendo pra vocês ficarem,” disse o Vovô. “Vocês sigam em frente. Eu – Eu fico. Eu pensei nisso quase a noite toda. Isso aqui é minha terra. Eu pertenco a ela. E eu não dou a mínima se têm laranjas e uvas tirando um sujeito da cama. Eu não vou. Essa terra não é boa, mas é minha terra. Não, vocês vão em frente. Eu vou ficar aqui onde eu pertenco”. (STEINBECK, 2011, p. 129, tradução nossa)²⁷

Sabendo que ele não sobreviveria sozinho naquele campo, sendo perseguido pelos proprietários da terra e sem meios de se sustentar, Tom, o pai e a mãe Joad decidem dar xarope ao avô para fazê-lo dormir, amarram-no e o colocam no veículo. À noite, na beira da estrada, todos assistem enquanto o avô Joad morre. Casy sugere

²⁶ “[...] the twenty families became one family, the children were the children of all. The loss of home became one loss, and the golden time in the West was one dream.”

²⁷ “I ain’t sayin’ for you to stay,” said Grampa. “You go right on along. Me—I’m stayin’. I give her a goin’-over all night mos’ly. This here’s my country. I b’long here. An’ I don’t give a goddamn if they’s oranges an’ grapes crowdin’ a fella outa bed even. I ain’t a-goin’. This country ain’t no good, but it’s my country. No, you all go ahead. I’ll jus’ stay right here where I b’long.”

ter sido um derrame que levou o ancião e assinala que não havia nada que eles pudessem ter feito para evitar a causalidade. “E o vovô não morreu hoje. Ele morreu no instante que você o tirou de lá. [...] vocês não poderiam ter feito nada. [...] Ele só está ficando com a terra”²⁸ (STEINBECK, 2011, p. 171, tradução nossa). Eles enterram o avô ilegalmente, seguindo as próprias tradições, como o pai Joad coloca: “Houve uma época que um homem tinha o direito de ser enterrado pelo próprio filho e um filho tinha o direito de enterrar seu próprio pai”²⁹ (2011, p. 163, tradução nossa).

Mais adiante, enquanto estão todos acampando próximo ao rio Colorado, o irmão mais velho de Tom, Noah, decide não seguir viagem com a família. Mais reservado, Noah “[...] não era burro, mas ele era estranho”³⁰ (STEINBECK, 2011, p. 91, tradução nossa), descrito com uma aparência “esquisita”. O pai Joad se culpava pelo filho ser diferente, pois ele não teve muito cuidado com o parto do primogênito. Por isso, Noah sentia que todos o tratavam diferente: “Você sabe como é, Tom. Você sabe como eles são bons comigo. Mas eles não se importam comigo de verdade”³¹ (STEINBECK, 2011, p. 245, tradução nossa). Então ele segue o caminho do rio, sozinho. Torna-se relevante ponderar sobre a imagem simbólica do rio, com seu fluir das águas, representando a vida e a morte, como aponta Chevalier (2002, p. 780). O rio é a travessia da vida, em suas variadas etapas, quando a personagem Noah parte seguindo o curso do rio; significa que ele está buscando uma nova vida, a possibilidade de retornar à nascente, às origens e construir um novo destino.

Os Joads seguem viagem, encontram outros migrantes – muitos com o mesmo destino em mente, poucos voltando –, e são fiscalizados por grupos de policiais. Através desses encontros, o grupo descobre a hostilidade com que são tratados os migrantes na terra prometida. Para os trabalhadores locais que veem a quantidade de carros carregados em direção à Califórnia, os *okies* são mesmo bestializados:

“Aqueles malditos Okies não têm juízo e nem sentimento. Eles não são humanos. Um ser humano não viveria como eles vivem. Um ser humano não suportaria estar

²⁸ “An’ Grampa didn’t die tonight. He died the minute you took ‘im off the place. [...] you couldn’t a done nothin’. [...] He’s jus’ stayin’ with the lan’.”

²⁹ “That was a time when a man had the right to be buried by his own son an’ a son had the right to bury his own father.”

³⁰ “[...] was not stupid, but he was strange”.

³¹ “You know how it is, Tom. You know how the folks are nice to me. But they don’t really care for me.”

tão sujo e miserável. Eles não são muito melhores do que os gorilas”.³²
(STEINBECK, 2011, p. 260, tradução nossa)

Enquanto isso, os Joads mantêm as esperanças de que, chegando ao seu destino, eles ao menos poderiam trabalhar e teriam como se sustentar. Assim que cruzam a fronteira e chegam na Califórnia, a mãe Joad confessa que a avó estava morta há horas, mas que ela não quis dizer a ninguém para que eles pudessem passar pela fiscalização.

“Eu estava com medo que não conseguiríamos atravessar,” ela disse. “Eu falei para a Vovó que não conseguiríamos ajudar ela. A família tinha que atravessar. Eu disse a ela, disse a ela quando estava morrendo. Não podíamos parar no deserto. Tinha os pequenos – e o bebê de Rosasharn. Eu disse a ela.” (STEINBECK, 2011, p. 268, tradução nossa)³³

Esse é um momento forte para todos, que se assustam com a resiliência da mulher de passar parte da viagem cuidando para que ninguém descobrisse a idosa morta ao seu lado. A necessidade da matriarca de garantir a sobrevivência e bem-estar da família é a principal força que move os Joads e os motiva a vencer os obstáculos da viagem.

Sobre a morte dos idosos, Tom afirma que eles não saberiam se adaptar à nova realidade:

Tom deu um tapinha no volante sob sua mão. “Eles eram muito velhos”, disse ele. “Eles não iriam ver nada do que está aqui. Vovô ficaria vendo os índios e a região das pradarias de quando era jovem. E a vovó lembraria e veria a primeira casa em que ela morou. Eles eram muito velhos. Quem está realmente vendo isso é Ruthie e Winfiel”. (STEINBECK, 2011, p. 270, tradução nossa)³⁴

A historicidade dos mais velhos se mostra um obstáculo para a sua reinserção na sociedade; suas memórias e vivências estão enraizadas no indivíduo que eles se tornaram. Já as crianças, que ainda não têm deveres e obrigações na estrutura

³² “Them goddamn Okies got no sense and no feeling. They ain’t human. A human being wouldn’t live like they do. A human being couldn’t stand it to be so dirty and miserable. They ain’t a hell of a lot better than gorilas.”

³³ “I was afraid we wouldn’t get acrost,” she said. “I tol’ Granma we couldn’t he’p her. The fambly had ta get acrost. I tol’ her, tol’ her when she was a-dyin’. We couldn’t stop in the desert. There was the young ones – an’ Rosasharn’s baby. I tol’ her.”

³⁴ Tom patted the steering wheel under his hand. “They was too old,” he said. “They wouldn’t of saw nothin’ that’s here. Grampa would a been a-seein’ the Injuns an’ the prairie country when he was a young fella. An’ Granma would a remembered an’ seen the first home she lived in. They was too ol’. Who’s really seein’ it is Ruthie an’ Winfiel’.”

familiar, que ainda não afirmaram a própria identidade perante a sociedade; elas dispõem da adaptabilidade de se inserir em uma nova realidade.

Chegando na Califórnia, a situação é precária. Todos percebem que muito do que eles imaginavam era apenas um sonho. Connie, especialmente, que pensava em estudar, se profissionalizar e comprar uma casa, logo se desilude com a precariedade dos acampamentos dos migrantes: “Se eu soubesse que seria assim, eu não teria vindo. Teria estudado à noite sobre tratores e conseguido um salário de três dólares”³⁵ (STEINBECK, 2011, p. 296, tradução nossa). Rose of Sharon discute com o esposo, pois ela acreditou nos sonhos de Connie, ela depositou esperanças em suas promessas, e o tom de desistência do rapaz a assusta. Connie sai andando do acampamento e não volta mais.

Connie é o elo fraco da família, o que não tem esperanças no método de trabalho e esforço dos Joads. Ele procura a alternativa mais fácil, seja trabalhando para os bancos (tratores) que expulsaram os Joads e outros milhares de agricultores de Oklahoma, seja ignorando sua responsabilidade para com a esposa grávida.

Oposto ao egoísmo de Connie, Tom decide se afastar da família para se juntar ao grupo de resistência dos trabalhadores. No começo do romance, Tom volta ao lar após passar quatro anos encarcerado por homicídio após uma briga de bar. A narrativa termina com o rapaz cometendo outro assassinato, dessa vez motivado pela vingança contra o guarda que matara Casy. Ele decide, então, dar prosseguimento ao trabalho comunitário do amigo. Ao se despedir, Tom explica para a mãe:

“Eu estarei em todo lugar – para onde quer que você olhe. Onde quer que haja uma luta para que as pessoas com fome possam comer, eu estarei lá. Onde quer que haja um policial batendo em um cara, eu estarei lá. Se Casy soubesse, ora, estarei no modo como os garotos gritam quando estão bravos e – estarei no modo como as crianças riem quando estão com fome e sabem que o jantar está pronto. E quando nosso povo comer as coisas que criou e viver nas casas que construiu – ora, eu estarei lá”. (STEINBECK, 2011, p. 495, tradução nossa)³⁶

³⁵ “If I’d of knowed it would be like this I wouldn’ of came. I’d a studied nights ’bout tractors back home an’ got me a three-dollar job.”

³⁶ “I’ll be ever’where—wherever you look. Wherever they’s a fight so hungry people can eat, I’ll be there. Wherever they’s a cop beatin’ up a guy, I’ll be there. If Casy knowed, why, I’ll be in the way guys yell when they’re mad an’—I’ll be in the way kids laugh when they’re hungry an’ they know supper’s ready. An’ when our folks eat the stuff they raise an’ live in the houses they build – why, I’ll be there.”

Influenciado pelos discursos de Casy e pelas atitudes da mãe, Tom percebe que as opressões que os Joads sofriam na Califórnia necessitariam ser combatidas por uma união, por pessoas dispostas ao sacrifício próprio para um bem comum.

No auge da juventude, Al passa a maior parte do seu tempo livre namorando. O que ele deseja é independência e liberdade, mas ao mesmo tempo Al sabe que todos dependem dele para dirigir e cuidar do carro. Como ele mesmo diz para o irmão, Tom, durante uma discussão: “Eu vou logo seguir meu próprio rumo. É muito mais fácil tocar a vida quando não se tem família”³⁷ (STEINBECK, 2011, p. 426, tradução nossa). Diferente de Connie, Al não consegue abandonar o grupo sabendo que eles ficariam em apuros.

Isso só muda quando Al encontra uma moça com quem quer se casar. A promessa que ele faz para a noiva é a prospectiva de formar sua própria família, e a obrigação para com seu próprio núcleo familiar é uma responsabilidade maior do que aquela com seus pais.

Al disse, “Pai, se eles forem, eu vou também.”

O pai parecia assustado. “Você não pode, Al. O caminhão – Não temos condições de dirigir aquele caminhão.”

“Eu não me importo. Eu e a Aggie temos que ficar juntos”. (STEINBECK, 2011, p. 515, tradução nossa)³⁸

Por fim, as esperanças dos Joads de se estabilizarem por meio do trabalho se mostra infrutífera com o bebê natimorto de Rose of Sharon: “Em um jornal estava uma pequena múmia azul enrugada. ‘Nunca respirou,’ disse suavemente a Sra. Wainwright. ‘Nunca esteve vivo’”³⁹ (STEINBECK, 2011, p. 523, tradução nossa). O sonho da terra prometida é abandonado, então, nas águas da enchente.

Considerações finais

A obra de Steinbeck é densa em simbolismos e reflexões sobre as opressões das classes dominantes em um país completamente capitalista. A trajetória dos Joads retrata, em grande parte, a importância de os trabalhadores assumirem uma postura

³⁷ “I’m goin’ out on my own purty soon. Fella can make his way lot easier if he ain’t got a fambly.”

³⁸ “Al said, ‘Pa, if they go, I’m a-goin’ too.’ / Pa looked startled. ‘You can’t, Al. The truck – We ain’t fit to drive that truck.’ / ‘I don’ care. Me an’ Aggie got to stick together.’”

³⁹ “On a newspaper lay a blue shriveled little mummy. ‘Never breathed,’ said Mrs. Wainwright softly. ‘Never was alive.’”

coletivista ao reivindicar seus direitos, ao invés de se prenderem a princípios individualistas e se preocuparem exclusivamente com o próprio grupo familiar.

Não obstante, o desenraizamento é um processo de violência contra a unidade da família. Primeiramente, uma violência física, uma vez que leva à morte dos avós enquanto os Joads estão na estrada, no caminho entre um passado que se deteriora e um futuro incerto. Além disso, o homicídio cometido por Tom, o abandono de Cassie e o isolamento de Noah são outras expressões de violência sofrida pela família.

Há também a violência social causada pela comunidade californiana expressa pelos guardas que fiscalizam os migrantes constantemente, buscando uma desculpa para prendê-los; pelos trabalhadores locais ao perpetuarem o estigma social dos migrantes; e, claro, pelos empregadores, que tratam os migrantes como mão-de-obra barata, descartáveis e substituíveis. Tendo que permanecer em movimento, os Joads não conseguem se inserir na sociedade novamente. De membros queridos da pequena comunidade em Oklahoma, eles são forçados à posição de párias sociais em um espaço que lhes é hostil.

Sendo assim, as personagens perdem a sua *unidade emocional* à medida que rompem com suas raízes. Os integrantes do grupo tomam rumos individuais em um mundo moderno e conflituoso, por motivos egoístas ou revolucionários, enquanto o núcleo familiar se esvazia.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRANDÃO, Luis Alberto; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 51-80.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GRAY, Richard J. *A history of American literature*. Malden, MA: Blackwell, 2004.

KÖLLN, L. A. B. Trabalhadores rurais e migração na Califórnia dos anos 30: John Steinbeck e os “ciganos da colheita”. *Revista Tempos Históricos*, Paraná, v. 24, n. 1, 2020, p. 130-164.

MILLER, Jim W. The oldest unit in the world: the family in American life and literature. In: MILLER, Jim W.; BUXTON, Barry M. *The examined life: family, community, work in American literature*. North Carolina: Appalachian State University, 1989. p. 2-15. Disponível em: from <<http://www.jstor.org/stable/j.ctt1xp3mfj.5>>. Acesso em 22 fev. 2021.

MOTLEY, Warren. From patriarchy to matriarchy: Ma Joad's role in *The grapes of wrath*. In: BLOOM, Harold. *John Steinbeck's The grapes of wrath*. New York: Chelsea House Publishers, 2007. p. 51-65

REIS, Ronald A. *The Dust Bowl*. New York: Chelsea House, 2008.

STEINBECK, John. *The Grapes of Wrath*. Londres: Penguin Books, 2011.

STEINBECK, John. *The harvest gypsies: on the road to The Grapes of Wrath*. Introduction by Charles Wollenberg. Berkeley, Califórnia: Heyday Books, 1988.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Recebido em: 28/02/2021
Aprovado em: 02/04/2021